

**“Alma que a Deus busqueis, que neste mundo quereis?”  
A relação entre mortos e vivos no Sertão Central do Ceará.**

**Francisca Eudesia Nobre Bezerra**

**RESUMO**

A presença dos mortos reivindicando orações e pagamento de promessas é algo que permeia a tradição nordestina, assim como também existem indícios em outras épocas e sociedades, não apenas de mortos pedindo orações, mas também dos mortos sanguinários que retornariam para pedir vingança pela sua morte e muitas outras reivindicações. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a experiência da comunidade de Oiticica, distrito do Município de Ibaratama, no Sertão Central cearense, com as questões relacionadas ao imaginário acerca da morte e das almas que permanecem entre os vivos, no período que compreende a segunda metade do século XX. Utilizamos-nos da metodologia da História Oral no sentido de perceber a partir da subjetividade de cada sujeito, as relações estabelecidas entre mortos e vivos no período citado, considerando que a percepção do mundo está intimamente ligada à forma como apreendemos a realidade, e essa apreensão leva a marca das relações estabelecidas em sociedade, portanto o passado é composto por essa rede de significados atribuídos a ele, nesse sentido a memória se torna essencial para nossas reflexões.

**ABSTRACT**

The presence of the dead by claiming prayers and payment of pledges is something that permeates the northeastern tradition, as well as evidence in other eras and societies, not just the dead asking for prayers, but also of the bloodthirsty dead that would return for revenge for his death and many other claims. The present work aims to reflect on the Central interior of Ceará, with issues related to the imaginary about death and if the souls that remain among the living, in the period that comprises the second half of the living, in the period that comprises the second half of the 20<sup>th</sup> century. We use the methodology of Oral History to realize from the subjectivity of each subject, the relationship between dead and alive in the period cited, whereas the perception of the world is closely linked to how we apprehend the reality, and this seizure takes the brand established relations in society, so the past is composed of this network of meanings attributed to him in this sense the memory becomes essential to our reflections.

**PALAVRAS-CHAVES: Memória, Imaginário, Morte.**

**KEYWORDS; Memory, imaginary, Death.**

## Introdução

Pensar as experiências cotidianas como elementos fundamentais para o estudo da cultura é algo que vem sendo realizado desde tempos anteriores. Pensadores como Michelet, Burckhardt, dentre outros, já pensavam os elementos e ações dos indivíduos comuns necessários para estudo e compreensão de uma dada época ou realidade através de suas representações. Mesmo com outras intencionalidades surgidas à época, contribuíram para o desenvolvimento do pensamento teórico que culminou no campo da História cultural no século XX.

Nesse percurso se fizeram necessário algumas mudanças epistemológicas, os conceitos de representação e imaginário foram de extrema importância na configuração desse novo campo de estudo. Conseqüentemente se abre um leque significativo de possibilidades no pensar a história. Novos métodos, novas abordagens novas fontes, possibilitam novas perspectivas no trabalho do historiador.<sup>1</sup> Dentro desta guinada historiográfica surge os estudos sobre a morte, e um campo significativo de práticas e representações despertam o interesse dos historiadores que buscam compreender as atitudes e comportamentos de grupos e sociedades diante da ideia do fim da vida.

Sandra Jatahy Pesavento faz uma discussão a respeito do pensamento de alguns estudiosos sobre o conceito de imaginário, dentre os quais destacamos o pensamento do filósofo Cornelius Castoriadis que entende o imaginário, “ para além da dimensão histórica, como sendo a capacidade humana de representação do mundo, com o que lhe confere sentido ontológico”<sup>2</sup>. Pensamento compartilhado pelo historiador Jacques Le Goff, e que adotaremos aqui em nossas reflexões.

A presença dos mortos, representados por suas almas, reivindicando orações e pagamento de promessas é algo que permeia a tradição religiosa nordestina, assim como também existem indícios em outras épocas e sociedades, não apenas de mortos pedindo orações, mas também dos mortos sanguinários que retornariam para pedir vingança pela

---

<sup>1</sup> Ver em: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2008. BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São paulo: UNESP. 1992. \_\_\_\_ **O que é história cultural**; tradução: Sérgio Góes de Paula. – Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

<sup>2</sup> PESAVENTO. Op. Cit. P.43

sua morte e muitas outras reivindicações, fazendo surgir várias crenças, superstições e representações sobre a morte e os mortos.<sup>3</sup>

Neste trabalho buscamos refleti sobre a experiência da comunidade de Oiticica<sup>4</sup>, no Sertão Cearense, com a morte e com as almas que vez por outra aparecem para fazer suas reivindicações. Nesse sentido nos utilizamos da História Oral por entender que essa metodologia abre novas perspectivas para a compreensão do passado recente.

### **Oiticica e a manifestação das almas**

No início da segunda metade do século XX. Oiticica era um pequeno povoado predominantemente católico, tendo como padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Uma pequena comunidade rural situado nas encostas da Serra Azul, que até a década de 1970 não contava com energia elétrica, apenas com a energia gerada por um motor que iluminava até, mais ou menos, oito ou nove horas da noite, em seguida o encarregado pela iluminação desligava o motor, e o resto da noite o pequeno povoado era iluminado de acordo com as fases da lua, com noites claras e noites escuras, excetuando-se as residências que quando as pessoas não se recolhiam, se utilizavam de outros recursos para iluminar suas casas, realidade que não se diferenciava das demais regiões do sertão.

Foi nesse cenário de noites escuras que, segundo as narrativas, por muitas vezes, durante esse período, as pessoas se depararam com almas que permanecem entre os vivos, por motivos diversos, e que geralmente deixavam-nas apavoradas com a ideia desse “contato”, pois a alma seria a representação personificada da morte. No caso de Oiticica as almas se manifestavam de duas formas, individualmente para que fosse vista com o intuito de entrar em contato com a pessoa e dizer a que veio, ou em conjunto para serem apenas ouvidas, mas imperceptível ao sentido da visão, que neste caso, em Oiticica recebe o nome de Maldizença ou Choro.

Seria descrita como sendo choros, vozes, gritos e lamentos sofridos que ecoavam no ar passando pelo centro da comunidade e se refugiando no cemitério, como numa

---

<sup>3</sup> Sobre as reivindicações dos mortos ver em: DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada** – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho do luto**. Tradução, Aline Meyert e Roberto Cattani. – São Paulo: Editora UNESP, 2010. CASCUDO, Luiz da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2002.

<sup>4</sup> O distrito de Oiticica foi criado pela Lei Municipal 026 de 06 de fevereiro de 1990 e anexado ao município de Ibaretama, no Sertão Central Cearense. Tem atualmente uma população aproximada de 873 habitantes. É composto pela sede do distrito, e por pequenos lugarejos nos arredores. Situa-se nas encostas da Serra Azul, ícone do município.

espécie de procissão de mortos representados por suas almas. O fato é que essa Maldizença era temida pela comunidade, espalhando o medo quando era ouvida. Para além do medo da morte, qual seria a explicação para esse temor que assolava a comunidade após alguém ouvi-la?

Deixemos que os sujeitos desse processo nos falem de suas experiências, pois ao falar, os narradores transmitem o passado de várias formas, não só através da voz, mas dos gestos, dos silêncios, do tom de voz etc. dão sentido a sua narrativa de acordo com a representação que fazem do mundo e da vivência em sociedade. Apresentam-se como testemunhos de seu tempo e de suas vidas, trazendo isso a tona através da memória.

Dona Maria<sup>5</sup> nos relata sua experiência ao ouvir a tal Maldizença:

“Ai, ai, assim como se tivesse matano, lá pracolá onde houve aquela morte né, dentro daquela capoeira acolá, no tempo que houve umas morte que mataro o finado Cosme todo rolado de foice, de facão (...) uma maldizença daquela parece assim uma pessoa que ta matano outra, maltratano sabe?(...) aquela maldizença se maldizeno, ai, ai. Uma noite eu acordei o João. Vinha daquele lado ali do cajueiro, eu morava naquela casa perto do cemitério. Uma vez eu vi aqui, bem pertim, essa foi pouco tempo, mas a de dentro da capoeira foi de passar um bom pedaço. Só eu ouvi nesse dia, quando acordei o João e disse: tu ouviu aquela maldizença(...) num é nem na terra é assim no ar. No dia que a Elvira ouviu, Ave Maria, a Elvira foi na porta dela, a Elvira ouviu o choro. Oi aquela morte que houve aí, já houve muita morte aqui nessa Oiticica, houve uma aí, houve outra ali na calçada(...) aquela morte dali(...) e essa daí eu ia saindo da Igreja(...) era o finado Virgílio, você num conheceu não, muier mataro ele aí e a véa em cima, a mãe dele em cima pedindo, parecia um bocado de cachorro agarrado chega a poeira cobria e a faca(...) era bem três. Ele veio acabar de morrer dentro dessa casa acredita? Ainda correu.

Dona Maria Nogueira nos fala de sua experiência, onde podemos notar em sua narrativa, um misto de violência e de espanto, que nos faz pensar qual seria a ligação da Maldizença com a violência.

A explicação para a questão levantada pode ser esclarecida nas palavras de Dona Maria Faustino<sup>6</sup>:

Eu já ouvi minha fia, já ouvi. Nesse dia meu marido tinha ido pra serra que ele caçava, aí quando dava uma horas eu ficava ali pra saber, pra ouvir quando os cachorros latia, aí o Oscar já vinha descendo a Serra (...) aí eu ouvi: ai meu Deus, chama por tanto nome de santo, uma hora é choro de adulto, outra hora é choro de menino assim de dez ano, sabe, outra hora é choro de ancião. Aí eu fui abrir a

---

<sup>5</sup> Dona Maria nogueira Viana, 68 anos, entrevista realizada em Oiticica, Ibareta, Ceará, julho de 2009.

<sup>6</sup> Maria Faustino da Silva, entrevista realizada em Oiticica, Ibareta, Ceará, em 24 de julho de 2009

janela, quando eu abri a janela, ah! passou<sup>7</sup>, aí eu tinha uma cunhada minha que morava na Bulandeira (...) aí eu corri pra porta da frente, meus Deus será alguma coisa que está acontecendo pras banda de cá (...) valha meu Deus, minha Nossa Senhora, será que aconteceu alguma coisa com o Oscar, meu Pai do céu o Senhor vai me concentrar e eu vou ter com que esperar ele chegar. Só que ele na serra não viam a visão mas viam outras coisas, nesse dia ele não matou nada. Aí ele chegou : - Oscar, hoje eu vi uma coisa tão feia que nunca vi, o choro que o povo sempre falava, vindo do lado de cá - Oscar mais é horrível. (...) Aí eu fui contar pra ele. – Ave Maria tu viu neguinha. – Oscar é horrível, quem tem coração fica toda arrupiada, é choro, aquela maldizença, se valhe de Deus, valhei-me Nossa senhora, e chora, assim como se tivesse sentindo uma dor, aquela dor bem coisada né.(...) ninguém vê nada. Só que quando ouvia essas coisas podia esperar choro, desgraça.

Dona Maria Faustino demonstra pavor ao ouvir a Maldizença, ao mesmo tempo em que nos apresenta como sendo a precursora de um momento de tensão social no lugar quando afirma : *“Só que quando ouvia essas coisas podia esperar choro, desgraça”*. Pelo que nos consta essa tensa tinha a morte como desfecho. As vozes seriam dos mortos que ainda não havia alcançado o reino dos céus e vagavam entre os vivos demonstrando sofrimento pela situação que se encontravam ao mesmo tempo em que anunciavam novas “desgraças” que estariam por acontecer. Isso explica o fato da comunidade ficar apreensiva quando sabia que alguém havia escutado os agouros da Maldizença,

Mas as almas não se manifestavam apenas através do Choro, mas também apareciam individualmente, porém nestes casos, eram almas mais tranquilas, que tinham o objetivo de pedir algo a alguém, como rezas, ou pagamento de promessas. Essas não eram tão temidas em Oiticica quanto a Maldizença, a não ser pelo fato de representarem o desconhecido que é o pós-morte. Quando atendido seus pedidos podem sumir para não mais voltar, como nos relata a narrativa de Dona Maria Faustino abaixo:

“Essa dita Maria da Ana que é minha prima, ela era pequena foi embora para Banabuiú, (...) e lá ela começou a ver uma senhora pedindo a ela pra vim tirar um terço aqui na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo socorro (...) aí a mãe dela disse: minha fia. Mãe ela já veio três vez, duas vezes ela veio em sonho, mas agora eu vi foi ela mesmo me pedindo pra mim ir, mãe se a mãe for. Ela disse: minha fia você tem que ir também. Vou mãe. Ela veio pediu a madrinha Mundinha pra tirar o terço. E a madrinha Mundinha disse que ela era todo tempo assustada (Maria), só que a Madrinha Mundinha num via,

---

<sup>7</sup> A expressão “Ah! passou”, foi dita com rapidez e gestos, como que fosse algo que tenha passado com extrema rapidez na frente de D. Maria, sendo que ela não conseguiu ver do que se tratava, ou quem era (m) os dono (os) das vozes que ouvia, como ela mesma afirma :”passa assim nos ares”.

aí rezou o terço, aí foi a pessoa falou (para Maria): eu sou irmã do Chico Liberato (...) aí deu o nome dela todinho, disse pra Maria quem era. Aí quando ela terminou de rezar ela deu os agradecimentos a ela , desapareceu e nunca mais apareceu.

Outra situação nos é narrada pelo senhor Antônio Maria<sup>8</sup>:

“Quem viu foi um filho meu e um amigo dele (...) eles foram pra um jogo no Piranji, (...) quando chegaram no Triunfo o carro deu o prego, aí vieram de pé só eles dois(...) de 9 pra 10 horas da noite (...) isso aí sempre acontece, quando chegaram acolá num certo mei, eles vinham naquele chotim né(...)quando eles vão passando no lugar que sempre aparece as coisas, que quando deram fé vem aquela moça com os cabelos tão grande, no mei deles, e disse que a moça fazia mesmo assim que o cabelo batia num e noutro<sup>9</sup>, e eles disseram que quando viram se animaram e tiveram medo, quando chegaram mais ou menos duzentos metros do lugar de onde ela sai e desaparece, olharam pra trás e num viram mais nada (...) aí eles tiveram um medim, quem foi que viu eles correrem mais, disse que as pernas ficou dessa grossura”.

A percepção do mundo está intimamente ligada à forma como apreendemos a realidade, e essa apreensão leva a marca das relações estabelecidas em sociedade, portanto, o passado é composto por essa rede de significados atribuídos a ele. Deve-se pensar como essas práticas são influenciadas por esses significados e vice e versa, que por consequência influi no pensar o presente.

Histórias semelhantes foram registradas por câmara Cascudo e Gilberto Freyre<sup>10</sup>, o diferencial é que em cada lugar essas histórias ganham uma conotação diferente, e em Oiticica estão intimamente relacionadas com os casos de morte que aconteceram na comunidade. Nesse caso os agouros da Maldizença seria a voz desses que já partiram para o outro mundo, pois ao contrário das aparições que são vistas, mas não tem voz, ela tem as vozes, mas não é vista. Para Verena Alberti:

---

<sup>8</sup> Narrativa do Sr. Antônio Maria de Andrade (coveiro de Oiticica) 64 anos, entrevista realizada em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 16 de agosto de 2009

<sup>9</sup> Ao falar sobre o acontecimento sr. Antônio levantou-se e tentou imitar a forma que os dois rapazes relataram o acontecido, enquanto eles corriam devagar, a moça apenas andava entre os dois, no entanto mantinha-se lado a lado com os dois rapazes sem fazer nenhum esforço para acompanhá-los na corrida.

<sup>10</sup> Ver em CASCUDO. Op. Cit. Onde o mesmo narra várias superstições cearenses onde podemos identificar algumas semelhantes as narradas em Oiticica. E FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro:Record, 1987. neste também encontramos narrativas semelhantes, por exemplo, do carro que rondava as ruas do Recife Velho assombrando a todos.

1. Ensaio brasileiro. I. Título.

“A história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Representações são tão reais quanto meios de transportes ou técnicas agrícolas, por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como atos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade.”<sup>11</sup>

A Maldizença reflete os momentos de tensão social que ocorriam em Oiticica, pois, assim como as demais localidades do Ceará, a violência era muito comum, tendo em vista a ausência do poder público constituído no que se refere a segurança, ficando a população a mercê da lei dos mais fortes, em um contexto em que as mortes por vinganças ou motivos banais, era muito comum.<sup>12</sup>

As representações, entendidas como o resultado do trabalho constante do cérebro para interpretar a realidade, são constituídas dessa vivência cotidiana desses homens e mulheres que protagonizam a vida no cenário do sertão. Cotidiano é entendido aqui como o dia a dia dessas pessoas em todos os aspectos da vida. Nesse sentido “ao lado das representações mentais individuais, as representações coletivas, que se constitui no imaginário, devem ser necessariamente historicizada”.<sup>13</sup> É através dessas representações que os indivíduos dão sentido ao mundo.

Quando essa representação trata do tema da morte, ela é permeada pela imaginação oriunda da tradição oral e do medo que ronda seus mistérios, estes, por sua vez, vão moldando a cultura e as formas de concebê-la ao longo da história da humanidade. Várias são as interpretações e teorias, principalmente religiosas, sobre o momento da morte ou o que poderá acontecer ou não após a mesma. Daí nascem as especulações, as tradições, as crenças etc.

### **A escuridão da noite e o medo das almas**

Outro elemento nos chama atenção, que seria a noite como cenário para o contato das almas com os vivos. É na escuridão da noite que emergem os sinais do mal, ladrões, assassinos, perseguidores, espíritos e tudo mais que atormentam a tranquilidade

---

<sup>11</sup> ALBERTI. Op. Cit. P. 13-14

<sup>12</sup> VIEIRA JÚNIOR. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: uma história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. HUCITEC, 2004

<sup>13</sup> DOSSE, François. **O Império dos Sentidos: a humanização das Ciências Humanas**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP;EDUSC, 2003. P.269.

dos homens e mulheres de bem. O medo na e da escuridão sempre esteve presente em nossas vidas, seja por conta dos perigos que ela representa, seja pela vulnerabilidade a que ela submete a nossa subjetividade.

Se observarmos da antiguidade à contemporaneidade perceberemos que surgem histórias, lendas, crenças e personagens que tem na noite seu momento de atuação. Se recuarmos até o século XV ao XVII teremos como exemplos as batalhas travadas durante a noite no rito de fertilidade dos Benandantis, registrada por Ginzburg em “Os andarilhos do bem”, onde através de documentação inquisitorial relata como essas pessoas afirmavam sair de seus corpos durante a noite para combater os espíritos do mal por amor a colheita, sendo interpretados como bruxos e feiticeiras pelos inquisidores. Estes, por sua vez, são personagens noturnos que desde tempos remotos permeiam o imaginário do ocidente e geralmente são tidos como maus, e na calada da noite praticam suas bruxarias.

Dependendo das circunstâncias a noite pode exercer grande influência sobre uma pessoa, uma comunidade ou uma sociedade inteira, e nesse caso o que pode ser tido como lenda passa a ganhar notoriedade e status de verdade, a partir do momento que passa a influenciar a vida de uma pessoa ou comunidade. Sobre a noite nos fala Delumeau:

“Os “perigos objetivos” da noite tenha levado a humanidade, por acúmulo ao longo das eras, a povoá-la de “perigos subjetivos” é mais do que provável. E dessa maneira já o medo na escuridão pôde tornar-se mais intensamente e mais geralmente um medo da escuridão. Mas este último existe também por outras razões mais internas e que se prendem a nossa condição. A visão do homem é mais aguda de que a de muitos animais, como o cão e o gato; desse modo, as trevas deixam-no mais desamparado que muitos mamíferos. Além disso, a privação da luz atenua os “redutores” da atividade imaginativa. Esta, liberada, confunde mais facilmente do que durante o dia real e a ficção e corre o risco de desorientar-se fora dos caminhos seguros. É ainda verdade que a escuridão nos subtraem a vigilância de outrem e de nós mesmos e é mais propícia que o dia aos atos que nos reprimimos de encarar por consciência ou temor (...) o desaparecimento da luz nos confina no isolamento, nos cerca de silêncio e portanto nos “desassegura”.<sup>14</sup>

Nesse sentido as formas pelas quais a morte se apresenta são legitimadas na escuridão da noite, quando os vivos estão mais vulneráveis a essas visões. E em

---

<sup>14</sup> DELUMEAU. Op. Cit. P. 142-143



Oiticica, nesse período, a escuridão fazia parte do cotidiano, só que com um diferencial das outras partes do sertão por está situada nas encostas de uma Serra, que pela sua dimensão também guarda seus encantos, segredos, magias e medo, a ponto de uma simples rajada de vento descendo a serra com seu assobio na escuridão da noite fazer tremer aqueles que ficam atentos aos barulhos e ruídos exteriores a suas residências

### **O destino das almas**

Com a criação do purgatório a Igreja católica cria um terceiro local para as almas pecadoras que possam ter a chance de regeneração e buscar o reino dos céus, nesse sentido as almas puras receberão as bênçãos do paraíso irão para o céu, às sem perdão irão penar eternamente no fogo do inferno suportando suas terríveis penas, e aquelas com chances de regeneração serão encaminhadas para o purgatório. Como terceiro local criado pelo ocidente cristão, o purgatório passa por algumas transformações ao longo do tempo de acordo com as concepções religiosas de cada época. Dentro dessa perspectiva as almas do purgatório não teriam ainda um destino definido ou não teriam recebido à graça da misericórdia divina e teriam a chance de regeneração para a expiação de seus pecados, nesse sentido transitariam entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, e assim os mortos passam a viver diante de nós até que consiga a sua liberação definitiva do corpo físico. Teriam dessa forma algo para resolver com as pessoas de seu convívio e a comunidade da qual fez parte. Sobre esse assunto nos fala Vovelle:

“Esse encontro é temido, pois de um folclore para o outro, mesmo que haja exemplos de defuntos indulgentes, há muito mais casos de mortos reivindicativos, que solicitam as ajudas e prestações- ou as orações dos vivos – para que possam finalmente “soltar-se” dos laços que os detêm, como há também, os mortos simplesmente agressivos, sanguinários até. O morto agarra o vivo e tenta leva-lo com ele para aplacar alguma vingança obscura. Daí a multiplicidade de gestos “mágicos”, como se dirá, com as quais a antemorte (os presságios), a agonia e a passagem, assim como a sepultura, e mais ainda a pós-morte, são cercadas quando se trata de apaziguá-los, ou mantê-los a distância mediante oferendas ou prestações.”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> VOVELLE. Op. Cit. P. 31

Atender aos pedidos dos mortos é ajudá-los na caminhada pela expiação dos pecados e, ao mesmo tempo, ficar de bem com aquele espírito que continua preso ao mundo dos vivos na busca do seu caminho.

Mas e quanto a Maldizença, o que estaria por trás desses agouros de acordo com o imaginário destas pessoas? Várias são as especulações sobre a Maldizença e seus objetivos, mas todos estão de comum acordo sobre a volta dos mortos para buscar ou pedir algo para os vivos, o que varia são os objetivos da volta, pois para cada tipo de morte poderia acontecer um tipo de reivindicação.

A forma como a morte aconteceu indicaria o grau de sofrimento pelo qual passou a pessoa, e esse sofrimento seria expresso através dos agouros da Maldizença, anunciando outras formas de sofrimento que seriam as mortes violentas, ou as de causas não naturais. Dona Maria Faustino acredita que esses espíritos continuam vagando até encontrarem a misericórdia divina, ou seja, seriam almas do purgatório que ainda teriam trânsito livre entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos.

De fato os registros históricos do ocidente cristão apontam para crenças atestadas no início do primeiro milênio de nossa era que ainda permaneciam vivas na metade do século XX, quando se acreditava que os mortos do mar, vítimas de afogamentos, estavam condenados a vagarem até que a Igreja orasse por eles, pois vagam por não terem tido uma sepultura de fato.<sup>16</sup> Da mesma forma acreditava-se que “todos aqueles que não se havia beneficiado de um falecimento natural e, portanto, tinham efetuado em condições anormais a passagem da vida a morte<sup>17</sup>”.

## **Conclusão**

Falar da morte como algo que traz um fim para a vida é enveredar por um mundo desconhecido em que o medo em determinadas circunstâncias chega a ditar atitudes, costumes, crenças etc. entorno do desconhecimento do pós-morte.

Quando esse medo está associado a mortes violentas ele passa a ter uma dimensão bem maior, pois a violência em si gera tensão social, que já é uma situação de medo, juntando-se a isso todas as crenças, costumes e ritos que perpassaram pela história da humanidade de geração a geração sofrendo algumas modificações entorno das crenças. Em Oiticica a morte influenciou bastante a vida das pessoas no período

---

<sup>16</sup> DELUMEAU. OP. Cit. P. 135

<sup>17</sup> DELUMEAU. Op. Cit. P. 136

estudado, não apenas com os agouros da Maldizença, mas pelas variantes de sua aparição. As tensões sociais que espalhava a onda de medo geralmente trazia a morte consigo, essa morte, tida como ruim pelas circunstâncias em que ocorriam, aguçava as representações e gerava um sistema imaginário pautado no real, fazendo com que a comunidade moldasse, a partir da sua experiência cotidiana.

A presença visível do medo na sua relação com a morte se dá pela consciência humana do fim da vida. Portanto esse mundo desconhecido que é o além, juntamente com o temor da morte e a violência presente em alguns momentos, foram moldando ao longo do tempo uma representação da morte, como algo que causa pavor e sofrimento e que tinha na Maldizença a sua expressão maior, e as aparições seriam, em alguns casos, reflexos do sofrimento de alguns que não tiveram uma morte natural.

## **Bibliografia**

- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O que é história cultural**; tradução: Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2002.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente. 1300-1800 Uma cidade sitiada**; tradução: Maria Lúcia Machado; tradução de notas: Heloisa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FRANÇÓIS, Dosse. **O Império dos Sentidos: A humanização das Ciências Humanas**; Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP, EDUSC, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987
- GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XV e XVII**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto História. São Paulo, (14), fevereiro 1997
- \_\_\_\_\_. **Forma e significado na História oral. A pesquisa como um experimento em Igualdade**. In Proj. História, São Paulo, (14), fev.1997.

VIEIRA JÚNIOR. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: uma história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. HUCITEC, 2004

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho do luto**. Tradução, Aline Meyert e Roberto Cattani. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.